

## O LUGAR DO SUJEITO NO AUTISMO

BINDE. Cristiane Hellen<sup>10</sup>  
MOROCKOSKI. Salete<sup>11</sup>  
GOMES. Luiz Guilherme Araújo<sup>12</sup>

### RESUMO

Este artigo tem o intuito de fazer uma reflexão acerca do sujeito no autismo. Pretende contemplar elementos fundamentais à compreensão das psicopatologias, considerando algumas contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan, sobretudo, na interface teórica e clínica. O estudo conjectura acerca da clínica contemporânea da psicose e o diagnóstico realizado, bem como as disposições complexas que ela exige. Desta maneira, a pesquisa traz alguns elementos sobre as principais características do autismo, oferecendo informações sobre o problema a ser enfrentado pelos profissionais, no que se refere ao conhecimento de métodos de tratamento para o autista. Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica para que houvesse um aprofundamento na teoria sobre o tema, porém avançou para um estudo de caso, o qual foi realizado numa escola pública localizada no município de Cuiabá - Estado de Mato Grosso, entre os dias 19 a 30 do mês setembro do ano de 2014. Diante disso, compreendeu-se que o autismo, devido a sua precocidade e sua multiplicidade causal, apresenta um desafio, seja para a Medicina, para a Psiquiatria ou para a Psicanálise. Pela ótica da Psicanálise, inúmeras questões se levantam quanto à própria definição do autismo, que não se emoldura como estrutura clínica neurótica ou psicótica, exibindo outras peculiaridades, além destas estruturas conhecidas e, sua gênese se apresentando como uma incógnita. Sendo assim, diante desta pesquisa, ficou evidente que trabalhar o lugar do sujeito no autismo ainda se trata de um campo aberto às interrogações, pesquisas, diagnósticos e tratamento.

**Palavras chave:** Autismo – Psicose – Sujeito – Psicanálise.

---

<sup>10</sup> Acadêmica de Psicologia 2014/2, do UNIVAG Centro Universitário de Várzea Grande email: hellenbinde@gmail.com.

<sup>11</sup> Acadêmica de Psicologia 2014/2, do UNIVAG Centro Universitário de Várzea Grande email: saletemorockoski@gmail.com.

<sup>12</sup> Orientador: Professor Mestre em Saúde Coletiva, coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

## INTRODUÇÃO

O tema Autismo se mostra presente desde o início do curso de Psicologia e serviu como eixo norteador para delinear o caminho desta pesquisa. A pretensão em desenvolver o tema proposto, se originou por fazer parte de interrogações das autoras sobre como o sujeito se constitui, permitindo um olhar mais abrangente não só ao Sujeito, mas aquilo que o rodeia.

Frequentemente a teoria e a prática da Psicanálise têm sido convocadas para responder aos desafios que a modernidade apresenta, em sua compreensão do mundo, em que se fundamenta em componentes como a relação homem-natureza, corpo-psique, sujeito-objeto.

Ao se deparar diante do fenômeno autismo, se torna imprescindível a melhor compreensão de sua formação, bem como a busca em compreender como este sujeito responde a este lugar, sendo de fundamental importância para que se obtenha o entendimento do mesmo para a clínica psicanalítica.

Logo, este artigo faz uma reflexão de como a Psicanálise entende o autismo. Menciona-se sobre o lugar do sujeito no autismo, a partir de alguns pontos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, tendo em vista serem os principais autores da Psicanálise.

O autista, com a sua forma peculiar, provoca questionamentos que dizem respeito à relação com o outro, à fala, à relação com que estabelece sua realidade, entre outros aspectos. Neste momento, cabe mencionar que é bastante escassa a bibliografia no que diz respeito à psicanálise e autismo.

Assim sendo, depreende-se deste estudo, a importância em conhecer as implicações, ditas acima, bem como os efeitos, para profissionais de diferentes áreas, entre os quais se encontram o psicólogo, o médico, o professor e também para as famílias, de maneira a se preocuparem com a inclusão do autista na sociedade.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de compreender melhor o tema a que se propõe este estudo. A pesquisa bibliográfica tem como finalidade “conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizam sobre determinado assunto ou fenômeno e reconstruir o desenvolvimento empírico ou teórico de determinado tema”. É relevante mencionar que a pesquisa bibliográfica é um estudo sistematizado desenvolvido a partir de material publicado,

e fornece elementos analíticos para qualquer tipo de pesquisa (OLIVEIRA, 1999, p. 119).

Daí surgiu à necessidade de ir a campo, devido à falta de contato com pessoas diagnosticadas como autistas. A pesquisa de campo foi realizada por meio de observação e entrevista não estruturada, apropriando-se da técnica de associação livre.

De acordo com Yin (2005), a observação é um processo empírico e sensorial, e para isto precisa ser precedida de fundamentação teórica. A observação é um exame cauteloso que requer envolvimento e atenção do pesquisador na coleta e na análise dos dados.

Segundo Martins (2008):

[...] o observador deve ter competência para observar e obter dados e informações com imparcialidade, sem contaminá-los com suas próprias opiniões e interpretações. Paciência, imparcialidade e ética são atributos necessários ao pesquisador (MARTINS, 2008, p. 24).

A pesquisa de campo ocorre como um estudo de caso, sendo este definido como um processo de investigação empírica com o qual se pretende estudar um fenômeno no contexto real em que este acontece. Seu uso é apropriado quando as fronteiras entre o fenômeno em estudo e a conjuntura em que ele sucede não estão evidentes. Cabe mencionar, que o estudo de caso é considerado como sendo um tipo de análise qualitativa (YIN, 2005, p. 32).

Assim, a organização proposta neste trabalho implica inicialmente em um breve histórico sobre o fenômeno autismo e como se originou a nomenclatura utilizada nos dias atuais, de modo a esclarecer as principais manifestações relacionadas ao autismo, de acordo com pontos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, que serviram de aporte teórico para este estudo.

No segundo momento, é apresentada a constituição do sujeito e a constituição do Sujeito para a Psicanálise, em que são abordadas referências psicanalíticas, relacionando a função materna com o autismo e os possíveis efeitos psíquicos produzidos nesta criança a partir desta relação.

No momento seguinte a fundamentação da teoria, é apresentado o estudo de caso e a análise que se realizou, utilizando-se como instrumento de pesquisa, uma entrevista com a genitora do autista, objeto do nosso estudo. A entrevista e a

observação do caso apresentado ocorreram em uma escola da rede pública de ensino, do município de Cuiabá - MT, em que se buscou compreender qual o lugar do sujeito, com uma visão teórica da psicanálise.

Quanto às considerações finais do estudo, buscou-se fazer uma síntese dos entendimentos mediante o desenvolvimento da metodologia adotada com as aproximações dos pressupostos teóricos abordados. Para isto, foi necessário conduzir o estudo com a pesquisa bibliográfica confrontando com a análise do estudo de caso, em que se pode concluir que, a estigmatização não leva a trabalho psicanalítico (LAZNIK, 2004, p. 210).

### 1 A QUALIFICAÇÃO DO AUTISMO PARA A PSIQUIATRIA

De acordo com Perissinoto (2003), a primeira vez que se utilizou a expressão “autismo” foi no ano de 1911, por Bleuler, que fez uso desta nomenclatura para assinalar indícios característicos como a perda de contato com a realidade e a impossibilidade de comunicação.

Cabe mencionar, que até então, o autismo era definido como uma esquizofrenia, quando em 1943, Leo Kanner, psiquiatra infantil, começa a ponderar sobre um conjunto de comportamentos característicos que um grupo de crianças apresentava diferenciando-se dos demais, como isolamento extremo, dificuldade de relacionamento, atraso da fala, excelente memória, comportamentos repetitivos, comportamento obsessivo e ansioso em preservar rotinas. Ao descrever as especificidades dos sintomas, chamou de “um desejo obsessivo de uniformidade” (STONE E KOUPERNIK, 1981, p.109).

É necessário ressaltar que Kanner (1943) utilizou o termo “autista” da psiquiatria adulta, visto que;

[...] havia sido empregado por um psiquiatra, Bleuler, para definir a tendência de certos pacientes esquizofrênicos a centrarem, em si mesmos, todo seu mundo imaginativo, encerrando-se em imagens auto-referidas. Kanner sugeria uma relação (que foi questionada) entre o distúrbio profundo do desenvolvimento dos seus casos e a esquizofrenia adulta, estimulando uma tendência perigosa a acreditar que nas crianças autistas, também, existe um rico mundo imaginativo, auto-referido e no qual se fecham (COLL *et al*, 1995, p. 274).

Inicialmente, a tese de Kanner relata que crianças autistas padeciam de uma incapacidade congênita de se relacionarem emocionalmente com outras pessoas, que também foi estudada por outros autores;

[...] a teoria afetiva sugere que o autismo se origina de uma disfunção primária do sistema afetivo, qual seja, uma inabilidade inata básica para interagir emocionalmente com os outros, o que levaria a uma falha no reconhecimento de estados mentais e a um prejuízo na habilidade para abstrair e simbolizar (BOSA, 2000, p. 6).

Segundo Grandin e Scariano (1999, p. 18), o autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Podendo ser descrito como uma insuficiência nos aparelhos que processam a informação sensorial recebida, fazendo a criança reagir a certos estímulos de uma forma exagerada, e a outros de maneira precária. Diversas vezes, a criança se “ausenta” do meio e também das pessoas que a cercam, com o intento de bloquear os estímulos externos que se exibem como avassaladores a criança. O autismo é descrito como uma anormalidade que ocorre na infância, e isola esta criança das relações interpessoais, em que não explora o ambiente à sua volta, fazendo com que permaneça em seu universo interior.

Depreende-se que o sujeito autista fica em seu mundo interior como uma forma de fugir dos incentivos que o circundam no mundo externo.

Para a Organização Mundial da Saúde (1993, p. 81), o autismo é uma síndrome que aparece desde o nascimento e se manifesta invariavelmente antes dos 30 meses de idade. Apresenta como particularidade as respostas anormais aos estímulos auditivos ou visuais, e também problemas graves com relação à compreensão da linguagem falada. A fala demora a surgir e, ao acontecer, observa-se a ecolalia, a utilização inadequada dos pronomes, uma estrutura gramatical imatura, inaptidão ao usar termos abstratos. Geralmente também ocorre uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal e também corpórea.

Relata ainda, que a criança autista desenvolve dificuldades como a incapacidade de manter contato visual e ligação social. O comportamento do sujeito autista se manifestará de maneira ritualística, com rotinas de vida anormais e também um padrão estereotipado para desenvolver suas brincadeiras.

A área do desenvolvimento que demonstra enorme preocupação em crianças diagnosticadas como autistas é a comunicação e a interação social, nos primeiros anos de vida da criança. A criança autista de dois a três anos “mostra pouco ou

nenhum interesse em brinquedos e quando brincam geralmente não levam em consideração a função para que foram feitos (GAUDERER, 1993, p. 87).

Segundo Gauderer (1985, p. 119), como o mundo em que as crianças autistas vivem é bastante confuso, é compreensível que tentem se apegar aos escassos acontecimentos que conseguem entender. As crianças autistas demonstram gostar de manter as rotinas, em que uma mudança mínima que seja, pode gerar gritos e acessos de raiva. Tornam-se expressivamente apegadas a objetos, podendo estes ser brinquedos comuns ou artefatos aparentemente sem atrativos.

Observa-se que a criança é bastante passiva, demonstrando pouca sensibilidade às pessoas e aos objetos que estão à sua volta, permanecendo isolada e alheia ao meio em que está inserida.

[...] os sintomas de autismo não se manifestam por igual, nem têm o mesmo significado em diferentes fases da vida das pessoas autistas. Ao considerar um distúrbio profundo do desenvolvimento, que, além disso, tem um caráter crônico, é necessário recorrer a uma descrição cuidadosa desse desenvolvimento. Naturalmente, existem importantes diferenças relacionadas ao QI, ao nível linguístico e simbólico, ao temperamento, à gravidade dos sintomas – entre uns autistas e outros, no que diz respeito às características da síndrome e às peculiaridades do desenvolvimento (COOL *et al*, 1995, p. 278).

Desta forma, podemos ponderar, a partir dos autores, que o principal sintoma observado no autismo é o *déficit* cognitivo, sendo assinalado como uma das maiores desvantagens que os autistas exibem em relação às demais crianças. Em que se deve relatar a dificuldade que os autistas possuem quanto a expressar suas emoções.

É comum a criança com autismo não olhar e nem se relacionar com o mundo. A incapacidade de estabelecer relações se apresenta na falta de resposta no contato humano e no interesse pelas pessoas, concomitante com uma falha no desenvolvimento do comportamento normal. “Na infância, estas deficiências se manifestam por uma inadequação no modo de se aproximar, falta de contato visual e de resposta facial, indiferença ou aversão a afeto e contato físico” (GAUDERER, 1985, p.14).

## 2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

De acordo com Lacan em sua obra - "As Formações do Inconsciente" (1999), o sujeito mencionado pela Psicanálise é o sujeito da linguagem, afirma que o sujeito só pode ser transversal pela linguagem, uma vez que o sujeito é um ser social que se particulariza através de outro da mesma espécie que lhe presta os significantes. Assim, depreende-se que, em sua maioria, os sujeitos se subjetivam.

[...] O que se estrutura do sujeito passa sempre pela intermediação do mecanismo que faz com que seu desejo já seja, como tal, moldado pelas condições da demanda. Eis o que vai sendo inscrito, conforme a história do sujeito, em sua estrutura: são as peripécias, os avatares da constituição desse sujeito, na medida em que ele está submetido à lei do desejo do Outro. É isso que faz do mais profundo desejo do sujeito, daquele que permanece suspenso no inconsciente, a soma, a integral, diríamos, desse D maiúsculo que é o desejo do Outro (LACAN, 1999 p. 282).

Lacan (1999) fundamenta-se nos conceitos da linguística, em que o objeto de estudo é a língua em sua estrutura mais geral, para pensar os conceitos da teoria psicanalítica. Na teoria lacaniana, o desejo está submetido às leis da linguagem, em que se mostra a necessidade de o desejo ser interpretado para o sujeito, uma vez que o mesmo não pode reconhecê-lo. É necessário decifrar o desejo, pelo fato de que sua origem reside no inconsciente. A psicanálise lacaniana afiança, que o inconsciente sem a linguagem é um enorme vazio, afirmando que o inconsciente se estrutura na linguagem. "O desejo está instalado numa relação com a cadeia significante, que ele se instaura e se propõe inicialmente na evolução do sujeito humano como demanda (...)" (LACAN, 1999 p. 262).

O trajeto esquematizado por Freud (1900) e Lacan (1999) se pauta na subjetivação, explanando a complexa fundação do sujeito, e como isso ocorre na castração que antecede o complexo de Édipo.

Freud (1996), em sua obra, A Interpretação dos Sonhos, dá início a significativa contribuição para refletir a constituição do sujeito. E nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1996), Freud menciona que a vida adulta se une com o que foi vivenciado na primeira infância. Para o autor, a sexualidade se liga ao infantil, entendido como o motor de nosso psiquismo.

No Seminário V, Lacan (1999), coloca que não existe o Complexo de Édipo quando não existe o pai imaginário, inclusive, falar do Édipo é introduzir como

essencial a função do pai, esta função é essencial. A função do nome do pai pode ser feita por outra pessoa, que intervém em diversos planos. Tudo gira em torno dos três pólos – o Édipo em relação ao super eu, em relação à realidade e em relação ao ideal de eu (LACAN, 1999).

O complexo de Édipo se funda no interdito da mãe, neste momento é que ocorre a proibição da primeira lei à proibição do incesto. Será o pai responsável em representar essa proibição, e é através da simbolização no inconsciente que a criança realizará a interdição com a mãe.

Lacan (1999) situa o gozo como uma tentativa, no esforço de reencontrar o objeto perdido, e propõe um sujeito governado pelo princípio do prazer, no qual a sexualidade é uma impureza e uma tensão trazida pela sedução do adulto perverso. Lacan (1999) introduz dois conceitos fundamentais: o de "falo" e o de "relação sexual impossível". O gozo sexual não é, em lugar algum, simbolizado nem simbolizável, ele é real, sendo assim, não existe sujeito do gozo sexual.

Quanto aos três tempos do Édipo apresentados por Lacan, o primeiro tempo, aborda sobre a relação entre mãe e criança e do falo que se posiciona como terceiro entre eles denominado de etapa fálica primitiva (LACAN, 1999, p. 198).

Para compreender como ocorre a presença do falo na relação mãe-criança, é necessário partir da função do nome do pai e posicioná-lo no complexo de Édipo, em que Lacan descreveu a relação originária da mãe com a criança, de etapa pré-edípica e confirma sua hipótese de que “por trás da mãe simbólica está o pai simbólico” (LACAN, 1995, p. 225).

[...] Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem. (LACAN, 1999, p.199).

É possível averiguar a maneira como nessa passagem para o segundo tempo do Édipo, o falo vai se estabelecer como objeto simbólico entre a mãe e a criança. Neste tempo, o pai aparece impetrado pelo discurso da mãe, ou seja, a fala do pai interfere através do discurso da mãe, em que a fala do pai concebe a mensagem de um não para a criança e ao mesmo tempo para a mãe. Esta proibição paterna é fundamental, pois:



[...] é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe. (LACAN, 1999, p. 210).

De tal modo é na metáfora paterna que ele afirma que “o essencial não é que as pessoas faltem ou que o pai seja imbecil demais, mas que o sujeito, seja por que lado for, tenha adquirido a dimensão do Nome do Pai” (LACAN, 1999, p.162).

Conforme Lacan, se nos posicionamos no nível da realidade, podemos descrever que é concebível o pai encontrar-se presente mesmo quando não está, ou o oposto, que ele não se encontre presente mesmo quando dá ares de estar. Cabe lembrar que isto não quer dizer que a figura do pai seja desnecessária. “Conviria tentar perceber o que se depreende de tais situações, e encontrar fórmulas mínimas que nos permitissem progredir” (LACAN, 1999, p.173). Portanto, “o pai acha-se numa posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei” (LACAN, 1999, p.202).

Além da importância de instituímos o pai em um registro, Lacan (1999, p.163) diz que é preciso ter o Nome do Pai, mas é também preciso que saibamos servir-nos dele, (...) é disso que o destino e o resultado de toda a história podem depender muito.

No terceiro tempo, a presença do pai é revelada, e se mostra como “aquele que tem”. Neste tempo, o pai aparece como aquele que pode dar à mãe o que ela deseja. “De certo modo, a mensagem do pai torna-se a mensagem da mãe”, (...) “Aí está o que é efetivamente realizado pela fase de declínio do Édipo – ele realmente carrega o título de posse no bolso” (LACAN, 1999, p. 212).

Apesar de todo sujeito estar imerso na linguagem, ainda é preciso que cada qual dê o passo que concretiza seu compromisso com a fala. Para a psicanálise, a instauração da representação da linguagem e da fala, exige a ação, a fala e a significação. No autismo se evidencia o uso singular que se apresenta desvinculado de qualquer intento de significação.

[...] Não esqueçam jamais que nada do que diz respeito ao comportamento do ser humano como sujeito, e ao que quer que seja no qual ele se realize, no qual simplesmente ele é não pode escapar de ser submetido às leis da fala (LACAN, 2002, p.100).

Deste modo, a psicanálise se distingue por relatar que os estados psíquicos se relacionam à posição em que o sujeito se coloca diante o mundo em que se insere, ponderando que este advém de uma escolha inconsciente.

A constituição do sujeito incide da relação com o Outro, dos signos e suas cadeias de significantes, sobretudo, no Campo da Linguagem. Do ponto de vista da teoria psicanalítica, dá-se importância às forças inconscientes que acarretam o comportamento humano. Com o reconhecimento da experiência clínica, e a teorização das mesmas, Freud confiava que a nascente das perturbações emocionais residia nas experiências traumáticas reprimidas nos primeiros anos de vida.

Freud foi o precursor com relação à divisão das estruturas clínicas, e as dividiu da seguinte maneira: Neurose, Psicose e Perversão. Lacan, por sua vez, traz luz a conceitos, termos e noções que se encontravam implícitos nas obras de Freud, produzindo um avanço para a psicanálise, no aprofundamento dos estudos sobre a psicose e a introdução do conceito de sujeito de maneira mais específica.

### **3 O SUJEITO PARA A PSICANÁLISE**

Lacan, em sua obra *O seminário 5 – As formações do inconsciente* (1999) relata, que quando alguém nasce, encontra no Outro o campo da linguagem e, desta forma, dá início as suas primeiras significações. O Outro funciona como um espelho para criança, e por meio deste, a criança irá se identificar e se estruturar na linguagem.

Segundo Lacan (1985), é o reconhecimento da pulsão que permite construir, com mais certeza, o funcionamento de divisão do sujeito, ou de alienação, deste modo, o sujeito se define não somente na cadeia significante, contudo no nível das pulsões, em termos de seu gozo em relação ao Outro.

Freud (1996, p. 57) descreve o conceito de pulsão como “um conceito limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo”.

Valendo-se do conceito de pulsão de Freud, compreende-se melhor a idéia de que o recém-nascido é movido pela busca da relação. Cabe mencionar que as pulsões, distinto das necessidades, não são satisfeitas continuamente da mesma

maneira, uma vez que a pulsão "não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga pode servir contra ela" (Freud, 1996, p. 54).

De acordo com Lacan em sua obra O Seminário, livro 11, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, é possível pensar a pulsão como algo "que não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem nem subida nem descida, é uma força constante" (1985, p. 157).

Para Lacan (1985, p. 173), é "no momento que o fecho se fechou, quando é de um pólo á outro que houve reversão quando o Outro não entra em jogo, que o Sujeito tornou-se um termo terminal da pulsão" este circuito ocorrem várias vezes na relação mãe-bebê. Este Sujeito que existia graças ao Outro, passa a existir quando o circuito da pulsão pode se fechar. É apenas com a dimensão do Outro que a função da pulsão pode existir.

Assim, o "desejo do homem encontra seu sentido no desejo do Outro, não por que o Outro tenha as chaves do objeto desejado, mas por que o seu primeiro objetivo é ser reconhecido pelo Outro" (LACAN, 1998, p. 132).

Ao falar do Sujeito, a Psicanálise atenta-se para não precipitar-se diante de estratégias que banalizam uma noção ou um conceito pré-determinado, uma vez que não se quer negar a existência de nenhum tipo de noção do Sujeito, mas de ter o cuidado ao se explicitar tal assunto:

[...] Como categoria nocional elaborada teoricamente, designada por uma palavra que lhe dá sua unicidade, precisão e rigor, é claro que sujeito é um conceito: é isso que faz com que essa categoria integre o corpus teórico da psicanálise, constituindo-se, aliás, como uma das categorias teóricas mais essenciais deste corpus (ELIA, 2007, p.10).

O sujeito não é algo pronto, estruturado e finalizado, deposto do contexto social e cultural. O sujeito está em construção e se constitui da relação com o outro, dos significantes e suas cadeias, e essencialmente do Campo da Linguagem. De acordo com a psicanálise lacaniana, o inconsciente sem a linguagem é um imenso vazio, assim sendo, acredita que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, sendo ela falada ou não como um gesto, uma expressão um desejo, serão produções simbólicas regidas pelos significantes. (ELIA, 2007, p.47).

A Psicanálise não elimina a constituição do sujeito dos vínculos sociais e culturais, acredita que o contexto social apresenta ampla participação nesta constituição: "[...] sem isso ele não só não se tornará humano [...], como tampouco

se manterá vivo: sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá.” (ELIA, 2007, p.39).

O relato do autor supracitado, não quer dizer que a Psicanálise reduz a pessoa a uma sociologia culturalista, entretanto, reconhece os lugares destes para a formulação constitucional do ser. O Sujeito lacaniano é o Sujeito do desejo e da falta, do encontro com Outro. Sendo este o campo que contém aquilo que constituirá o sujeito a partir do Isso, é uma cadeia que dará origem significativa que vem de fora e no interior de uma ordem simbólica, representando o Sujeito e uma ampla série de significante. Sendo assim, não existe outra entrada para o Sujeito, a não ser pela posição que ele agrega no campo do discurso, e por meio deste, entra no caminho da linguagem através de suas formações (sonhos, sintomas), revelando desta forma, as instâncias inconscientes e se mostrando um Ser de desejo e Falta.

De acordo com Elia (2007), Lacan formula a noção de sujeito, como sendo um sujeito como efeito de linguagem, que se origina do enlaçamento pulsional, e das relações com o outro e com o mundo. Assim sendo, sobrevém o sujeito do desejo, do inconsciente. São as faltas que levam o sujeito em busca do objeto desejado (falo), é a tentativa de encontrar no Outro e nos pares, esse algo a mais que o complete, em uma busca constante para preencher o vazio. Essa busca pela completude ocorre durante toda a vida e vai estruturando o sujeito em torno do vazio: “O sujeito foi à peça chave, fundamental, não como parte do desenho, mas como instrumento mesmo do ato de desenhar. Assim, do desenho lacaniano, a categoria de sujeito não é a forma, mas o compasso” (ELIA, 2007, p. 72).

Assim, é necessário problematizar o limite das nossas observações relativas ao sujeito autista e melhor precisar o uso que fazemos de nossos conhecimentos teóricos. Quando nos perguntamos sobre o sujeito para a psicanálise, evidenciamos a necessidade em conhecer o sujeito nas estruturas psíquicas.

#### **4 ESTRUTURAS: NEUROSE - PSICOSE - PERVERSÃO**

A psicanálise menciona que os humanos podem exibir três estruturas clínicas basilares: a neurose, a psicose e a perversão.

Partindo da pesquisa do “Eu” e de suas relações, tanto com o “Isso” como com o mundo externo, Freud (2006, p.167) em sua obra, O “Ego e o Id”, sugere realizar uma diferenciação entre neurose e psicose, em que a neurose é a

conseqüência de um conflito entre o Eu e o Isso, e a psicose é o final idêntico de um distúrbio semelhante nas relações entre o Eu e o mundo externo. Assim, tem em vista apontar que a neurose é estruturada com início em um conflito interno, quanto à psicose é resultado da relação conturbada entre o Eu e o mundo externo.

Mesmo realizando a distinção entre neurose e psicose, existe algo em comum entre estas estruturas. Em que, o que há de comum no início de ambas as estruturas, é a frustração, ou seja, a não realização de algum desejo que nos acompanha desde a infância. A frustração dá ares de ser sempre advinda do mundo externo, contudo, também pode surgir do agente interno, ou seja, do supereu. A conseqüência patogênica está sujeita, de o Eu, em uma crise deste tipo, conservar-se fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o Isso, ou ele se deixar derrotar pelo Isso e, deste modo, ser extraído da realidade. (FREUD, 2006, p.169).

Na psicose, o que ocorre é a conquista pelos impulsos do Isso e a perda sobre o controle da realidade. Ocorre um distúrbio entre o Eu e o mundo externo, que não é mais percebido ou embora sendo, esta percepção não tem efeito nenhum sobre o sujeito. Normalmente o Eu é orientado por percepções atuais e recuperáveis, de acordo com lembranças de percepções antecedentes, enquanto que na psicose, não são aceitas as novas percepções e as existentes por meio das lembranças perdem suas significações.

[...] o ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável. (FREUD, 2006, p. 168).

Com relação à neurose, o Eu se recusa em aceitar os impulsos desejosos do Isso, procura auxiliá-lo a encontrar outra saída, ou meramente proíbe-o de encontrar o objeto que deseja. Para defender-se deste impulso o Eu se utiliza do recalque, o conteúdo reprimido inventa representações substitutivas que surgem em forma de sintoma, em que o Eu continua a lutar com este sintoma, não mais com o impulso original. Este confronto entre o Eu e Isso, em prol da realidade e do superego é o que distingue toda neurose. Desta forma, podemos falar que na neurose o Eu extingue um fragmento do Isso, obedecendo às ordens da realidade, enquanto que

na psicose, adotando as ordens do id, o Isso afasta um fragmento da realidade. O que se distingue entre uma e outra, consiste na influência da realidade na neurose e do id na psicose. “Na psicose a perda da realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria evitada.” (FREUD, 2006, p. 205).

Em sua obra, *As Psicoses*, Lacan (2002), ao conjecturar acerca da psicose, menciona fenômenos que sucedem nesta estrutura clínica como referentes a fenômenos de linguagem, ressaltando que a psicose provém de algo que se estabelece nas relações do sujeito com o significante.

Ao compor sua teoria acerca da psicose, Lacan (2002), indica que a não-inscrição do significante que ele denomina de Nome do Pai, aponta uma relação singular do psicótico com o simbólico, sendo seu alcance a esse distinto em relação à neurose, o que não significa, que ele esteja excluído do simbólico, tendo em vista que esse preexiste ao sujeito.

Lacan (2002) demonstra que a relação do psicótico com o inconsciente ocorre de forma bem característica,

[...] O psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado, numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha, e de partilhá-lo no discurso dos outros (LACAN, 2002, p. 153).

Nesta ocorrência, o psicótico, não possuindo o manto do recalque que protege o neurótico em sua relação com o Outro, continua como objeto do gozo desmensurado do Outro. Na psicose, pelo caso de estar fora da significação fálica, o sujeito não tem como responder ao abalo que rompe a identificação imaginária que o sustentava, o sujeito entra em um modo de mediação totalmente distinto do primeiro, “substituindo a mediação simbólica por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível” (LACAN, 2002, p.104).

Na neurose, o gozo se caracteriza justamente por ser restringido pela falta e, de tal modo, ele não invade o sujeito. O Outro no neurótico é “mudo”, seu discurso não atravessa o muro da linguagem a não ser pelas formações do inconsciente, isso

faz com que “O neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído pela linguagem” (LACAN, 2002, p. 284).

Quanto à perversão no âmbito da psicanálise, é necessário recorrer à compreensão formada por Freud. Segundo a obra *Três Ensaio sobre a Sexualidade Infantil* de Freud (1996, p. 157), a perversão indica que a sexualidade infantil, sobressaem as pulsões anárquicas e desorganizadas. Geralmente, a atividade sexual praticada pelas crianças se distingue como perversa, por causa das formas numerosas de satisfação. Amparado nesta suposição, descobriu os múltiplos fatores que interagem da perversão sexual no adulto, numa ancoragem na pulsão parcial intensa que teria escapado do recalque. Desta maneira, “a perversão é o negativo da neurose”.

Inicialmente a perversão é compreendida como uma anomalia da pulsão tendo em vista sua meta ou objeto. Esta ótica sugere a existência de uma satisfação ‘normal’ da pulsão. A meta da pulsão é a satisfação em si mesma. O objeto de uma pulsão, “é aquele que por si mesmo ou através do qual a pulsão se acha apta a atingir sua meta. O objeto é o que é mais variável na pulsão e não está originalmente conectado a ela” (FREUD, 1996, p.122).

De acordo com Lacan (1995) observa-se que o surgimento das perversões ocorre no instante em que a mãe é objeto de amor do menino e também da menina, e que ele ponderou como “pré-edipiano”. Estabelece-se no plano imaginário, em que o filho oferece à mãe a hipótese (irreal) de satisfazê-la: “não somente como criança, mas também quanto ao desejo e, para dizer tudo, quanto àquilo que lhe falta” (LACAN, 1995, p. 230).

Quando o plano da relação simbólica supera o da relação imaginária, o Outro é alguém que possui “o falo, o verdadeiro, o pênis real”, e não mais um objeto imaginário. Assim, o pai cumpre sua função simbólica quando prova para o filho que possui o objeto real que a mãe deseja, mostrando para o filho seu equívoco quanto ao lugar que ajuizava ocupar na dinâmica do desejo da mãe (LACAN, 1995, p. 213).

Na neurose, ao reconhecer a castração da mãe, este Outro primordial, admite ao sujeito se acarear com sua própria falta. Enquanto que na perversão, a criança renuncia ao conhecimento sobre a diferença sexual e a reconhecer a falta. Neste sentido, perversão e fantasia se rebatem, uma vez que na perversão o sujeito se coloca como “objeto de uma vontade outra”, e na fantasia se sustenta como desejante (LACAN, 1998, p.175).

A ação perversa não é o desempenho de uma fantasia de desejo que seria inconsciente na neurose, e sim o contrário, a busca por extirpar o desejo, uma vez que este implica a castração. Da mesma maneira que a recusa tem como efeito neutralizar a angústia que poderia advir da relação amorosa com o outro (LACAN, 2002, p. 85).

A partir da abordagem psicanalítica, o Sujeito está peculiar para cada uma das estruturas, emergindo em diversos momentos, assim como no autismo, este pode apresentar-se no sintoma. A legitimidade da Psicanálise é mencionada a um sujeito e este afetado pelo campo de linguagem. Neste sentido, pensar sobre o autismo em Psicanálise, não se trata de uma veracidade adiantada, todavia, o ato da análise que pode fazer o sujeito aparecer. O autista instiga isso, em que ele possui sua condição de sujeito e isso faz ousar na possibilidade de um trabalho e somente a partir do caso a caso, é possível fazê-lo emergir.

### **5 AUTISMO – UM ESTUDO DE CASO**

As questões que serviram de eixo norteador para o presente estudo sobre “o lugar do sujeito no autismo”, decorreram da necessidade em conhecer o processo de constituição do sujeito com o qual os psicólogos e psicanalistas se deparam no desenvolver da sua prática profissional.

De acordo com Elia (2007, p.118),

[...] a aposta do analista ao tomar todas as manifestações dos pacientes no campo do sentido, o que equivale a tomá-los, os pacientes, no lugar de sujeitos, é uma aposta no devir dos acontecimentos, e não no presente imediato: haverá – poderá haver ou não - o sentido/ advirá – poderá advir ou não – o sujeito. Trata-se de um ato do desejo do analista posto em operação, o que deve ser radicalmente diferenciado de uma ação interpretativa e indiscriminada, seja ela precisa ou difusa (ELIA, 2007, p. 118).

O trabalho analítico de um sujeito com diagnóstico autista é, então, permitir um advir de um pedido ao analista, ou seja, um apelo ao Outro. É um procedimento que só possui legitimidade devido o analista oferecer a palavra ao sujeito, mesmo quando ele não fala. “Partimos, então, daquilo que eles nos falam mesmo que às vezes sem utilizar as palavras” (ELIA, 2007, p. 117).



O estudo de caso aqui mencionado e relato da observação ocorreram em uma escola da rede pública na cidade de Cuiabá. Inicialmente foi realizada uma entrevista com a mãe, em que esta assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, tendo conhecimento de que iriam ser utilizados fragmentos da entrevista, todavia, fora informada de que teriam suas identidades e demais dados mantidos em sigilo. Os nomes mencionados no desenvolvimento da pesquisa são fictícios, com a finalidade de preservar a identidade destes.

A pesquisa se fundamentou no estudo de caso de um jovem, identificado como João, atualmente com 21 anos de idade, que possui diagnóstico de autismo desde os cinco anos de idade. O intuito da pesquisa foi compreender qual o lugar do sujeito, pela ótica teórica da psicanálise. Para maior compreensão entre teoria e prática, a entrevista e a observação do estudo de caso ocorreram em uma escola que atende crianças diagnosticadas com diversos transtornos, incluindo salas de crianças ou adultos autistas, sendo este o foco da pesquisa.

Observou-se que existe uma rejeição aos mesmos perante a sociedade, existindo o preconceito que acaba levando a família ao isolamento, em que os familiares dos sujeitos com diagnóstico de autismo acabam falando por eles. É possível observar isto na fala da entrevistada:

[...] vivo em função dele. Eu nunca deixo ele com ninguém, é muito difícil acontecer isso, faço faculdade estudando em casa. Eu tô ali, ele vem me puxa, aí eu vou cuidar dele e estudo ao mesmo tempo. Nunca posso sair pra me divertir este é meu, meu filho! (MÃE).

Diante da situação exposta, segundo Gauderer (1930, p. 73) “algo perturbador existe na dinâmica familiar ou no relacionamento pais-filhos que tenha marcado de forma acentuada o desenvolvimento dessas crianças autistas”.

Neste sentido, a mãe deixa evidente que "este" que ela trás, em sua fala, é colocado como seu objeto de posse:

[...] minha gravidez foi bem aceita, foi a única que foi planejada, [...], quando ele tava com três anos e quatro meses eu fiquei grávida do segundo, eu não sabia que ele era autista e aconteceu um acidente e eu acabei engravidando, aí era aquela perturbação”

Percebe-se neste ponto, que essa mãe tomou essa criança como objeto desde a sua gestação e ainda segundo sua fala, as outras duas gestações foram acidentes que geraram perturbações.

A criança é eclipsada nesta relação simbiótica, porém isso não quer dizer que é impossível a saída da criança desse lugar, é possível a saída somente a partir do momento que a criança passe a desejar não ser mais o objeto de desejo desse grande Outro. O desenvolvimento da criança se dá a partir do desejo desta mãe, ela precisa significar ou então decifrar a linguagem corporal do bebê, supor alguma necessidade ali, ao fazer isso, a mãe não só estabelece à demanda do bebê, ela se certifica de que a significação que atribuiu a tal demanda tenha sido acertada. Neste movimento, ela supõe sujeito no bebê, supõe nele um desejo que não necessariamente coincidiria com o dela.

É por meio deste Outro, que dará início a constituição da subjetividade da criança, ou seja, a mãe deve estar disponível a abrigar as demandas da criança, dar um significado e, então devolver para o filho a compreensão destas angústias, necessidades, para que este possa desejar. Vale ressaltar que quando a criança não consegue sair deste lugar que a mãe lhe coloca, fala-se de um processo que ocorre internamente, numa ordem do inconsciente.

Então a demanda é a forma simbólica para alcançar a satisfação do desejo, porém ela - e qualquer um - por si só não consegue alcançar, pois pode acontecer de ela querer ser o desejo do outro.

O Outro, para Lacan (2002, p.148), é o lugar do inconsciente, presente para todos e vedado para cada um, é determinado como o solo do código, da palavra, da linguagem, estabelecendo com alteridade para o sujeito, e intercedendo no desdobramento de si para consigo, assim como um semelhante.

[...] quando ele cresceu mais um pouquinho eu chamava ele, ele não atendia. Teve um dia, eu tenho remorso até hoje, eu peguei uma varinha e dei nele, você nunca mais faça isso! A mamãe te chama você tem que vir, fica aí se fazendo de bobo, você não é bobo! Por que eles se fazem de surdo né, você chama eles, eles fingem que não ouvem, igual ao meu, se ele não tivesse daquele jeito ali (João estava dormindo em um colchonete) ele tava prestando atenção em tudo que a gente tava falando aqui. [...] Não é que o grau de autismo do meu seja assim, é que o meu é mais conectado, por que tem outros que é mais desligado, o mundo tá se acabando e eles tá ali só naquele mundo. [...] aí infelizmente ocorreu uma tragédia eu fui dá um banho nele e invés de eu levar a água fria primeiro eu levei a quente, no que eu fui despejar a água a bacia virou e escorreu no pé dele, eu sofri com problema até com alguns anos atrás, carregava uma culpa muito grande e quase entrei em depressão, ele teve queimadura de terceiro grau ele não chorou, você olhava nele assim ele não chorava, eu não sei se ele sentiu dor, eu acredito que ele sentiu né, e já fazia parte do autismo (MÃE).

Segundo Gauderer, (1993):

[...] a pessoa autista não sabe o que o outro espera dela. Parece que falta à criança autista uma teoria da mente, ou seja, ela tem uma incapacidade de se relacionar adequadamente aos pensamentos e emoções de uma outra pessoa [...] e não tem a capacidade normal de 'juntar' comportamentos de outras pessoas em benefício próprio, (GAUDERER, 1993, p.318).

No fragmento supracitado, pode-se afirmar que a mãe não vê a criança como um sujeito, apenas como um objeto. O sujeito autista se exclui de toda e qualquer relação com outro e com seu próprio corpo. Assim, este sujeito não assume uma identidade própria, ficando no lugar de um objeto parcial. Isso quer dizer que, a relação do imaginário e do real, depende da situação do sujeito no mundo simbólico ou no mundo da palavra. É a relação do sujeito com o mundo da linguagem que consente que este entre no simbólico. A palavra e o desejo mediados pelo outro é que fundam o sujeito (LACAN, 1994, p. 97).

Em outro trecho do relato, da mãe diz:

[...] ele começou a ficar agressivo, eu amarrava as perninhas dele, os bracinhos, a canelinha dele ficava cheio de coágulo de sangue, ele batia o calcanhar e ficava tudo preto, eles têm muita força, passava a noite inteira gritando, às vezes ele dormia e de repente acordava gritando.

De acordo com Gauderer (1993, p. 21), “os pais vivenciam estes filhos não só como tragédia, mas como se o filho fosse um objeto, sem calor humano”. No processo de constituição da criança, mais especificamente na relação da mãe com o bebê, quando a mãe não consegue estabelecer sua função e nem mesmo colocar desejo algum no (a) filho (a), ou ainda, quando há excesso de “olhar”, excesso de presença desse Outro, de tal forma que impede a criança de subjetivar-se.

Para que um sujeito se estruture é necessária a falta, uma vez que o ato da provocação ocorre por meio da pulsão como mensageiro do biológico, a qual só pode ser aliviada por meio do outro (objeto).

Na literatura psicanalítica é destacada a importância do discurso da mãe, uma vez que o significado que ela oferece às necessidades da criança são fundantes de seus valores. Assim sendo, algumas considerações acerca da constituição psíquica foram feitas nesta pesquisa, precisamente pela importância que os diversos fatores provenientes da relação mãe-bebê exercem no desenvolvimento do ser humano.

Segundo Laznik (2004), não se deve atribuir a apenas um fator como causa do autismo e sim considerar a “multifatorialidade”:

[...] Não nos interessa saber qual é a causa do autismo, mas saber que algo produz o rompimento de um certo tipo de relação pulsional (olhar/ser olhado, etc.), um tipo de jogo pulsional que tem como chave um certo momento de gozo materno que se traduz por um riso gostoso para o bebê, por exemplo. Pouco me importa quais sejam as causas, o que sei é que se essa pulsionalidade não se estabelecer, vai haver conseqüências (LAZNIK, 2004, p.210).

Por meio da presença da função paterna, a criança obtém como se desfazer dessa relação acoplada com a mãe e assegurar-se de sua identidade. Desta forma ela vai poder abdicar do interesse único pela mãe e se permitir socializar com outras pessoas, pai, tios, avós, irmãos e amigos. Diante deste quadro, é possível dizer que não existe função materna sem função paterna. Se não advier a função paterna de limitar o desejo da mãe, ou então, limitar essa relação entre mãe e filho, a criança pode se tornar um prolongamento da mãe.

Durante a entrevista, “Rosa” mencionou que antes dos oito meses de idade seu filho apresentava uma diferença no comportamento em relação ao seu sobrinho, em que este nasceu apenas três dias antes, “ele era bem mais espertinho que o meu, pegava o chocalho com mais destreza, firmeza e precisão que o meu” (Fragmento entrevista).

O sujeito que a Psicanálise menciona, só pode pertencer à espécie humana. Não basta possuir um corpo para ser sujeito, é necessário que esteja aos cuidados de outro da mesma espécie e inserido em uma organização familiar e social. Está sujeito, necessariamente da significação do Outro, sendo este outro que expõe o mundo ao nascente. “Freud denominou esta condição de desamparo fundamental (Hilflosigkeit) do ser humano” (ELIA, 2007, p. 39).

Na relação com a mãe, o que se estabelece é a relação do filho com o objeto do desejo dela. A precedência do falo está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Nesta etapa “a metáfora paterna age por si”, em que o fálico se transmite pela posição da mãe em relação ao desejo. E a criança, “só pesca o resultado”. Levamos em conta a fala de uma mãe, “eu sem apoio de ninguém, marido só na gandaia” – podem não ser propícios à transmissão de uma lei para além da mãe (LACAN, 1999, p. 198).

[...] Às vezes ele dormia e de repente acordava gritando, e eu sem apoio de ninguém, marido só na gandaia e os três pequeninhos, sem orientação de ninguém, ignorante, sem conhecimento de nada, não tinha radio, não tinha televisão, então era aquela vida assim só eu, meus três filhos e o marido dando dor de cabeça.

Este repete aquilo que lhe é possível, deixando claro o empobrecimento do simbólico sobre si. Essa "falha" simbólica é transmitida de pai para filho, quando a falha acontece ocorre a forclusão do Nome-do-Pai, que o inclui na estrutura psicótica. Assim, "Rosa" fala do ex-marido,

[...] sempre foi muito quieto nunca gostou de conversar, ele nunca expos o sentimento dele pra mim, aí agora na segunda separação eu quase entrei em depressão, porque é muita pressão suportar ele, por que ele usa droga, daí que eu fui entender o porquê ele agia daquela forma não dormia, não conversava, só gostava de ficar no escuro, sozinho.

De acordo com um fragmento da entrevista, a mãe ao falar do filho diz "[...] ele é meu" está falando do seu objeto de desejo encarnado, aparecendo o valor atribuído ao mesmo, o "coisificando" retirando qualquer possibilidade deste de se apropriar de alguma autonomia, impossibilitando a saída da relação primária, a mãe nega a castração, pois a mesma vive esse desejo objetal, se não há castração a criança não consegue alcançar a identificação com o pai, a tríade não acontece.

A mãe escamoteia essa criança e se apropria dela como seu próprio sintoma e se falamos em escolha, este não escapa disso, longe de afirmar que causará um rebaixamento da cognição, pois são pessoas que não apresentam nenhum tipo de seqüela quando submetidos a exames de imagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na pesquisa realizada em observação e entrevista com a mãe, notou-se que ocorreu uma reconstrução dos saberes já produzido, uma vez que se une o aporte teórico estudado com a prática que está sendo desenvolvida. No decorrer deste estudo foi possível apreender o quanto se acrescenta observar um aluno autista, pois se internaliza, por menor que sejam as trocas que se tem com o sujeito autista e seu cuidador. Tendo em vista que, são nessas interações que se constitui como profissionais.

A pretensão da pesquisa não é encerrar ou trazer conclusões, mas sim, abrir novos caminhos para os estudos que trate o autismo sob a luz da Psicanálise. Isso insinua abarcar a postura do analista ante a constituição do sujeito segundo Freud e Lacan ao contextualizarem sobre o tema.

O tema da pesquisa envolve a questão, de como a Psicanálise compreende a constituição do sujeito, em que se fez uma investigação com o intuito de analisar a teoria a partir de alguns textos de Freud e Lacan, mencionando assuntos, como os tempos do Édipo e as estruturas do Sujeito.

Vale ressaltar que com a concretização desta pesquisa, foi possível observar que a Psicanálise de Freud e Lacan anda no sentido oposto da Psiquiatria. Enquanto, a Psicanálise faz uso dos traços estruturais do sujeito, a Psiquiatria por sua vez, apoia-se nas características, evidenciando apenas os sintomas.

### **OUTRAS CONSIDERAÇÕES**

A Psicanálise concebe o sujeito a partir das três estruturas clínicas, neurose, psicose e perversão, em que estas se referem à maneira de compreender o sujeito na sua relação basilar com a castração, e, esta forma como o sujeito trabalha com a castração que determinará a compreensão da hipótese estrutural para a Psicanálise.

Ao abordar o autismo pelo eixo clínico psicanalítico da relação do sujeito ao Outro e ao objeto, propõe que o autista se encontra todo o tempo em um trabalho de defesa diante desse Outro.

Segundo o descrito por Freud (2006), em cada indivíduo há uma organização lógica de processos mentais que é chamada de ego. Que é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes, no autismo, essas referências simbólicas não são assumidas, ou seja, o Outro permanece para o autista no Real.

O desenvolvimento da criança ocorre a partir do desejo desta mãe, por meio da linguagem, marcando o corpo da criança enquanto um sujeito desejante. Esta identificação que a criança faz dela mesma com esta imagem que este Outro (mãe) lhe exibiu vai originar a estruturação do Eu, dando fim ao corpo fragmentado. “É o momento em que a criança reconhece sua própria imagem. [...] Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual” (LACAN, 1995, p. 15).

Pelo viés da Psicanálise, é necessário compreender, em um primeiro momento, a constituição psíquica do sujeito e como esta acontece, a partir de quem ou de quais fatores, cujo processo de constituição se dá a partir do Outro Primordial (a mãe). Na leitura lacaniana, “O Outro (com “O” maiúsculo) é introduzido para identificar o lugar a partir do qual, na relação linguareira, se constitui o sujeito, e que o introduz na ordem do simbólico” (LACAN, 1995).

Neste sentido, com relação ao estudo de caso, são abordadas questões a respeito da hipótese de que há uma falha “inconsciente” na função materna e que esta possível falha é o “não olhar” desta mãe. O lugar onde o sujeito se constitui é escamoteado ao sujeito, quando este se encontra em dificuldades na constituição psíquica devido às falhas da função materna e paterna, sendo a mãe o laço primordial e a função paterna um operador psíquico da castração.

A mãe de uma criança autista apresenta a este um espelho opaco não havendo imagem no olhar dessa mãe para criança, isso está na radicalidade da coisa, o autista está aprisionado ao desejo da mãe.

De tal modo, buscou-se compreender a estruturação de um sujeito e como este se coloca diante do mundo, através da teoria psicanalítica. As leituras avançaram por meio das obras de Freud e os escritos de Lacan entre outros autores renomados que estudam o tema.

No processo de construção da pesquisa, além do que se imaginava, a patologia do autismo mostrou-se ainda mais complexa e interessante de se estudar, todavia, como a proposta era trabalhar por um viés psicanalítico, foram abordadas importantes teorias psicanalistas que forneceram embasamento teórico, além, é claro, de permitir que mais questionamentos fossem levantados sobre o assunto.

Deste modo, chega-se a conclusão de que o tratamento analítico com autista é realizado com jogos simbólicos e identificações, possibilitando com a escuta analítica que este fale ao seu modo aquilo que lhe incomoda. Cabendo ao analista estar atento ao que fala o Sujeito e quando este fala.

Além disso, durante muito tempo, os estudos sobre o autismo apresentam um campo de conflito entre as diferentes abordagens, sobretudo, entre a Psiquiatria e a Psicanálise. Não obstante, que estes profissionais concordem que as primeiras relações entre os humanos são fundantes das bases para as demais capacidades sociais, existem divergências na forma de pensar com as demais ciências. Na relação com o outro no processo de desenvolvimento humano, a noção de inter

subjetividade pode ser utilizada como eixo condutor para pensar este processo, em que sabemos que esta noção adquire diferentes sentidos conforme os distintos contextos teórico-metodológicos em que são considerados.

Concluimos que há várias implicações sobre o tema que este artigo deixa em aberto para futuras pesquisas e aproveitamento teórico.

### REFERENCIAS

BOSA, C. y CALLIAS, Maria. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens**. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol.13, nº1. 2000, p.167.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e educação - Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2007.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade** [1905]. Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Narcisismo: uma introdução** [1914]. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

\_\_\_\_\_. **Neurose e Psicose** [1923]. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

\_\_\_\_\_. **A perda da realidade na neurose e na psicose** [1924]. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 2006.

GAUDERER, E Christian. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento – Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. São Paulo. SARVIER. 1985.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo, uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. Brasília. CORDE. 1993.

GRANDIN, Temple. SCARIANO, Margaret M. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo. Cia. das Letras. 1999.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho** [1936]. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Função e campo da palavra e da linguagem** [1953]. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.



\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 1- Os Escritos Técnicos de Freud** [1953-1954]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 3 - As Psicoses** [1955-56]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2002.

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 4 - A relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro. Zahar. 1995

\_\_\_\_\_. **O Seminário – Livro 5 - As Formações do Inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro. Zahar. 1999.

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.

KAUFFMAN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1996.

MARCONI, Maria de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6ª ed. São Paulo. Atlas. 2001.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo. Atlas. 2008.

MINAYO, M. C. S. **Desafio do conhecimento: pesquisa social em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro. Hucitec. 1993.

LAZNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador. Agalma. 2004.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo. Pioneira. 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados a saúde**. São Paulo. EDUSP. 1993.

PERISSINOTO, Jacy. **Conhecimentos essenciais para entender bem a criança com autismo**. São Paulo. Pulso. 2003.

PONTE, J. P. **Estudos de caso em Educação Matemática**. Lisboa. CIEDE. 2006.

STONE, F.H., KOUPELNIK, C. **Psiquiatria Infantil para Estudantes**. Editora Compendium. 1981.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo. Atlas. 2000.

YIN, Robert K. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre. Bookman. 2005.